

INVESTIGAÇÃO ACERCA DOS PROCESSOS DE REESTRUTURAÇÃO SILÁBICA CVC NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO INGLÊS: UMA ANÁLISE FONÉTICO-ACÚSTICA

Michael Douglas Silva Dias⁹
(UESB)

Vera Pacheco¹⁰
(UESB)

RESUMO

Objetiva-se investigar quais são as estratégias utilizadas por aprendizes de língua estrangeira diante da necessidade de pronunciar estruturas silábicas que não ocorrem em sua língua, caso das consoantes obstruintes em posição de *coda*.

PALAVRAS-CHAVE: Análise acústica; *Coda* silábico; Epêntese; Reestruturação silábica; Síncope.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que todos os animais possuem a capacidade de se comunicar, e que a cada espécie concerne um recurso que lhe é mais favorável para esta finalidade. Entretanto, a espécie humana se destaca entre todas as outras, uma vez que é a única capaz de simbolizar, incrível habilidade chamada de *linguagem*.

Durante muito tempo, vários teóricos investigaram e buscaram estipular propostas que explicassem como se dava a forma de aquisição de uma língua, e a proposta que mais se destacou está relacionada com os pressupostos de Noam Chomsky, segundo o qual a Faculdade da Linguagem possui leis universais e particulares que regem todas as línguas naturais.

⁹ Graduada em Letras e especialista em linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

¹⁰ Orientadora do projeto. Doutora em linguística pela Unicamp. Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – DELL, da Universidade estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

No entanto, a aquisição fonológica ocorre de forma gradual, do não marcado para o marcado. Assim, esse processo se dá conforme o indivíduo domina os segmentos e as estruturas silábicas que constituem o sistema ao qual está exposto.

O que essa pesquisa procura avaliar é quais são as estratégias utilizadas por falantes nativos de português aprendizes de inglês, quando eles precisam pronunciar estruturas silábicas que não fazem parte do sistema fonológico de sua língua materna, a saber consoantes obstruintes em posição de *coda*. Da mesma forma, busca-se observar qual é o comportamento de falantes nativos de inglês quando da pronúncia de palavras que apresentam esse tipo de estrutura no português.

MATERIAL E MÉTODOS

Para realizarmos essa pesquisa, foi composto um corpus com 15 palavras do PB e 15 palavras do Inglês que apresentam estrutura CVC medial, sendo que a posição de *coda* era sempre ocupada por uma obstruinte. Após a seleção do corpus, foram selecionados três falantes nativos de português e aprendizes de inglês como L2, e três falantes nativos de inglês e aprendizes de português como L2, todos homens, boa dicção e idades entre 14 e 25 anos. As palavras do corpus foram inseridas em frases-veículo (I say “X” everyday) e (Digo “Y” baixinho), transcritas individualmente em cartões brancos e apresentadas aos informantes de forma aleatória. As gravações ocorreram numa câmara acusticamente fechada, através de um programa de computador de alta qualidade, com o intuito de preservar o sinal acústico de boa qualidade. Depois disso, as palavras que constituem o corpus dessa pesquisa e que estão inseridas nas frases-veículo foram analisadas por meio de software Praat, desenvolvido por Boersma e Weenink (2002), que possibilita a separação da palavra da frase e a mensuração dos

parâmetros acústicos. Esse programa converte os sinais acústicos em ondas e espectrogramas. Para analisar a separação dos segmentos em consoantes e vogais, considera-se o mecanismo de manipulação do segmento dado pelo Praat, no qual podem-se observar as características de sons produzidos com/sem vibração das pregas vocais, constrição entre os articuladores ativos passivos, além da configuração formântica para as vogais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando do aprendizado de uma língua estrangeira, o indivíduo, que precisa produzir determinados sons e estruturas que não ocorrem em sua língua materna, tende a buscar formas alternativas para realizar essa tarefa, o que pode ser explicado, por exemplo, através de processos de epêntese ou síncope.

Com base nos dados analisados, ao se depararem com consoantes obstruintes em posição de trava silábica, percebeu-se que a estratégia mais comum utilizada pelos brasileiros aprendizes de inglês, principalmente os iniciantes, é inserir um [i], de forma a reestruturar a posição comum que essas consoantes ocupam em PB, ou seja, a posição de ataque, assim como ocorre em em palavras como *psicologia* e *ritmo*, o que pode ser observado no espectrograma a seguir:

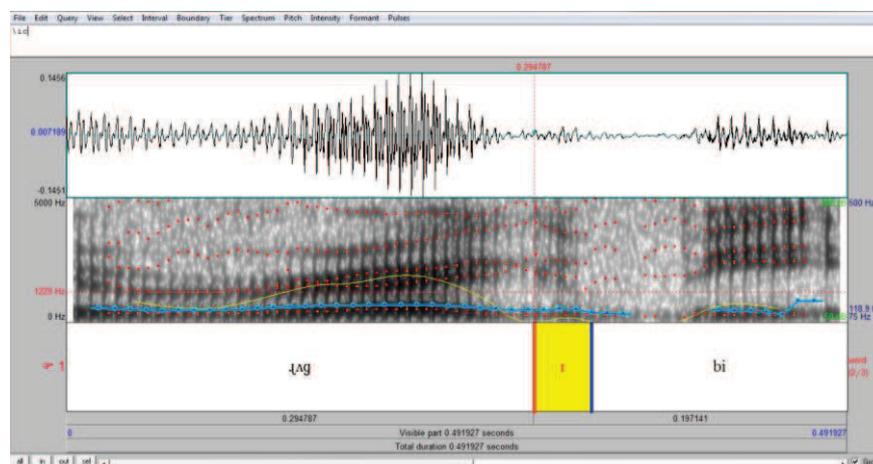


Figura 1 – Espectrograma da palavra [ɫʌgibi] realizada por um aprendiz para a palavra [ɫʌgbi].

Percebe-se na figura 1 que o indivíduo lança mão do processo de epêntese, pois uma consoante oclusiva velar não ocupa essa posição em PB. Sendo assim, a inserção do [i] é válida para a reestruturação da sílaba. Da mesma forma, na imagem (2) abaixo, verifica-se que a inserção do [i] não acontece apenas na posição de coda medial, mas também final.

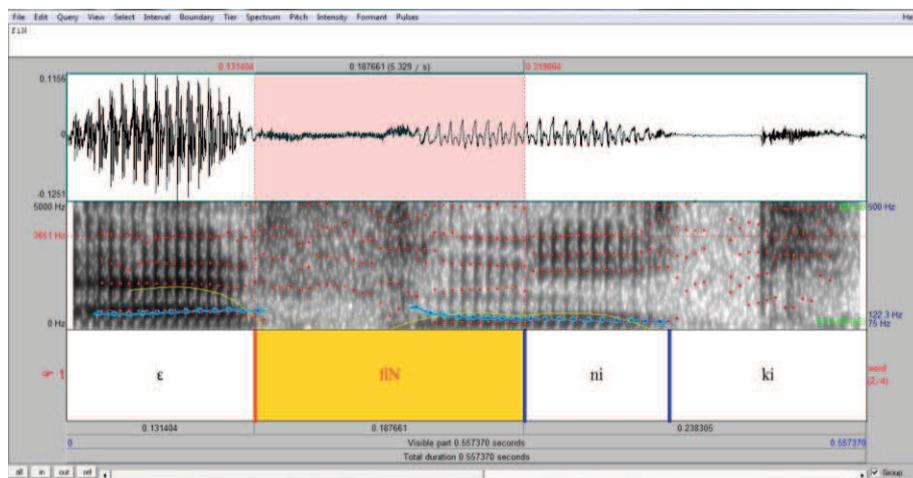


Figura 2 – Espectrograma da palavra [ɛfinik] realizada por um aprendiz para a palavra [ɛθnik].

É muito interessante observar como o processo de palatalização também se faz presente quando da pronúncia de consoantes oclusivas alveolares em posição de *coda* em língua inglesa. Sabe-se que, em vários dialetos do PB, as consoantes /t/ e /d/ tendem a ser pronunciadas como [tʃ] e [dʒ] quando seguem a vogal [i]. O mesmo ocorreu em algumas pronúncias de palavras como *outdated* e *sadness*, o que ratifica a inserção do [i], conforme espectrograma abaixo:

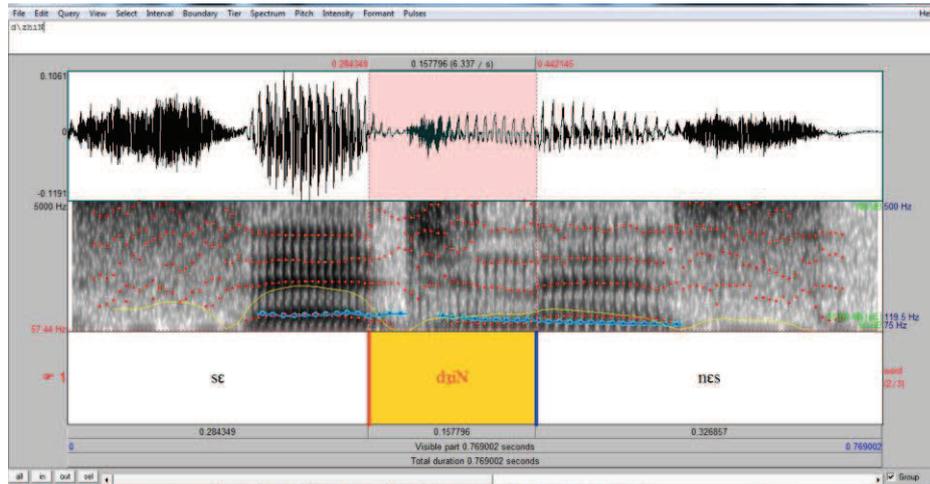


Figura 3 – Espectrograma da palavra [‘sedʒines] realizada por um aprendiz para a palavra [‘sædnɛs].

Da mesma forma que os indivíduos brasileiros utilizam-se inconscientemente da transferência lingüística quando da pronúncia de estruturas silábicas que não ocorrem em sua língua materna, os indivíduos americanos também lançam mão do mesmo artifício. Entretanto, por conta da ocorrência de consoantes obstruintes em posição de *coda* em sua língua, essa relação se dá de forma oposta.

O espectrograma abaixo apresenta a palavra “obturaçãõ”, pronunciada por um americano que está em fase inicial de aprendizado de português.

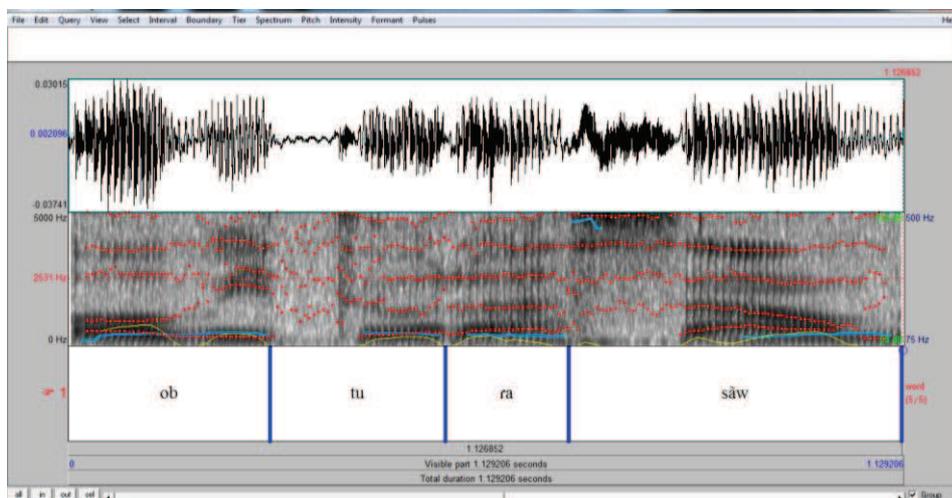


Figura 4 – Espectrograma da palavra [obtura'sãw] realizada por um aprendiz americano para a palavra [obitura'sãw].

Como a estrutura silábica do inglês permite a ocorrência de obstruintes em posição de trava silábica, o aprendiz americano transfere esse padrão para a pronúncia de palavras com essa característica em PB, o que ocorre também em “ritmo”, “objeto” e “abdicar”.

CONCLUSÕES

Foi possível concluir que os aprendizes de língua estrangeira utilizam-se de recursos voltados para sua L1 quando da produção de estruturas silábicas distintas das licenciadas em seu sistema fonológico. Os aprendizes brasileiros de inglês, por exemplo, utilizam-se constantemente da epêntese e síncope para reestruturar as sílabas com consoantes obstruintes em posição de trava silábica, e essa relação é corroborada pela ocorrência da palatalização.

REFERÊNCIAS

- BISOL, L. **A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. M. (Org.). Gramática do português falado. V.VII. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p. 701-742.**
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat software. Versão 4.0.** The Netherlands: Amsterdam: 2002.
- CAGLIARI, L. C. **A sílaba. In: _____. Elementos de fonética do português brasileiro.** Paulistana: São Paulo, 2007. pp. 109-123
- CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa.** 35^a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CLEMENTS, G. N. **The role of sonority in core syllabification.** In: **KINGSTON, J.; BECKMAN, M. (Orgs).** **Papers in laboratory phonology 1: between the Grammar and physics of speech.** New York: CUP, 1990. p. 283-333.

COLLISCHONN, G. **A sílaba em português.** In: **BISOL, L. (org.)** **Introdução a estudos de Fonologia do português brasileiro.** 3ª ed. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2001. pp. 91-119.

KENSTOWICZ, M. **Phonology in Generative Grammar.** Malden, 1994: Blackwell Publishing.

LADEFOGED, P. **A course in Phonetics. Third Edition.** New York, 1993: Harcourt Brace College Publishers.

MORI, A. C. Fonologia. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. pp. 147-149

SCHANE, S. A. **Fonologia Gerativa.** Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro: 1975.

